

Essa mulher que se arremessa, fria e lúbrica aos meus braços, e nos seios me arrebatava e me beijava e balbucava versos, votos de amor e nomes feios.

Essa mulher, flor de melancolia que se ri dos meus pálidos receios a única entre todas a quem dei os carinhos que nunca a outra daria.

Essa mulher que a cada amor proclama a miséria e a grandeza de quem ama e guarda a marca dos meus dentes nela.

Essa mulher é um mundo! – uma cadela talvez... – mas na moldura de uma cama nunca mulher nenhuma foi tão bela!

Soneto de devoção *Rio, 1937*

Vinicius de Moraes: Livro de Sonetos, 2013, 8ª reimpressão. Editora Schwarcz S.A. – www.companhiadasletras.com.br – gentileza de Lávya Lacerda.

A Bandeira desfraldada sob o céu azul anil, é a Pátria abençoada, retrata esse chão – Brasil. Jorge Fregadolli, 1401 Lit. & Arte R. Aurora A. Ferreira 171, Ap 702 29090-310 – Vitória, ES

Assim que o Pai te criou jogou o rascunho fora, na Terra ninguém achou mulher mais linda até agora!...

Lacy José Raymundi, 0801 Fanal: R. Álvares Machado 22, 2º 01501-030 – São Paulo/SP

Na rua ao ver a criança pobre, só e abandonada ali se perde a esperança, da pátria ser renovada.

Osaël de Carvalho, 1101 Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Do Ano Velho ao Ano Novo: – baixa a pose, ó garotão, que num zás o jovem ovo torna-se um galo ancião!...

Osvaldo Reis, 1101 Trovia alka77@gmail.com; visite: www.falandodetrova.com.br

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XX, Nº 01 – 2016 JANEIRO
Assinatura até 31.12.16: 11 selos postais de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 1,05).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

“...”

“São Paulo não dorme, medita e trabalha, sua mente não cansa, seu pulso não falha, movendo uma enorme, uma eterna oficina São Paulo lateja, São Paulo fervilha, por isso São Paulo entre todos domina!”

“...”

Trecho de 1932. sem o autor. de Caderno manuscrito extraviado da Belkiss da Silva Cordovani Marques (†)

1. Preencher os haicus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-lo normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haicus assim enviados e de **contéudo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!



FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!



Até o dia **28.02.16**, quigos Caqui, Clarão da lua, Dourado, Figo, Grilo, Jandaia, Poucã, Relâmpago, Sereno.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo/SP

ou mfmenezdez@superig.com.br

Por isso não gosto de haicus espocosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haicu do que um erudito, Bashô queria é **recuperar** seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em **SF9810, Seleções em Folha OUT/98.**

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE VE



RÃO (QUIDAIS)



Brilha a luz do sol no vasinho da janela, dália florescente.
Ailson Cardoso de Oliveira

No amarelo ouro grande singela e bonita a dália despona
Alba Christina

Pela alameda de entrada da cidade hortência florida.
Amauri do Amaral Campos

Ataque de insetos no cacho de café verde: extração de seiva.
Antonio Cabral

No jardim florido, hortência branca e lilás, úmidas de orvalho.
Eduardo Zá

Formigas ativas indo e vindo sem cessar. A cigarra morta.
Leda Mendes Jorge

Uma linda hortênciã, no jardim do meu quintal, abelhas à volta.
Ailson Cardoso de Oliveira

Aroma de flor! Nas pétalas de uma dália, circulam joaninhas...
Amália Marie Gerda

Chuva no telhado leve... calma... de repente! Forte trovoadã...
Amauri do Amaral Campos

Dália em botão, outra aberta à luz do sol. Menina sorrindo.
Antonio Cabral

Madrugada, chuva, corredeira rio acima. Forte pororoca.
Iracema Gomes

Protegendo a prole o acarã vagueia no lodo – águas enturvadas.
Maria Reginato Labruciano

Toró impiedoso, graniza por todo lado, rosas massacradas.
Ailson Cardoso de Oliveira

Suspensas nos galhos, as vagens do flamboiã atraem os pássaros.
Amália Marie Gerda

Café ainda verde cobre os morros da fazenda. Vem grana na certa.
Angelica Villela Santos

Acontecimentos à sombra do flamboiã: affair de rolinhas.
Antonio Cabral

Ao cair da tarde, chega o bando em zangarrelho... Ah! Muitas cigarras!
Iraí Verdan

No início da noite – canto da cigarra e buzina. Meus ouvidos doem.
Marilena Budel

O som conhecido anunciando o verão cigarras cantando.
Alba Christina

Na tarde cinzenta, após forte trovoadã, ventania e chuva.
Amália Marie Gerda

De dentro da casa chega o canto da cigarra. Início do ano.
Angelica Villela Santos

A dália abanada suavemente. Brisa que passa.
Eduardo Zá

Flores de jasmim no percurso dos trilhos perfume se espalha.
Iraí Verdan

Patrão e empregado – andam pela plantaçaõ. Café verde.
Marilena Budel

Esperando a seifa o café em grãozinhos verdes viceja no pé.
Alba Christina

Janela aberta uma dália na paisagem colore o sol.
Amauri do Amaral Campos

Um perfume intenso entrando pela janela. Um pé de jasmim.
Angelica Villela Santos

Sob a luz do sol, todo florido, o flamboiã.
Eduardo Zá

Tarde de trovoadã. Recolho rapidamente, a roupa do varal.
Iraí Verdan

A brisa noturna consigo traz o perfume da dama da noite.
Roberto Resende Vilela

O QUE HERDAMOS EM 2016

Adriana Carranca, O Estado de São Paulo 02.01.16, pg A7.

Ano novo, vida nova? Não. Aos que pularam as sete ondas, jogaram rosas para Iemanjá: desculpem-me a carranquice, é força do sobrenome, mas o mundo segue exatamente como o deixamos em 2015 – o calendário gregoriano é uma invenção cristã. Mas há motivos para celebrar. Listo aqui sete conquistas importantes do ano findo que herdamos para 2016:

O menor índice de extrema pobreza na História. O ano começa com menos de 10% da população vivendo com renda inferior a US\$ 1,90 ao dia, segundo o Banco Mundial. São ainda 700 milhões de pessoas. Mas são menos do que os 37% de 1990. Não significa que vivamos em um mundo menos desigual. Os ricos estão muito mais ricos e os pobres, um pouco menos pobres (para compreender o fenômeno, inclua entre as promessas para

2016 a leitura de *Capital in the Twenty-First Century*, de Thomas Piketty).

A vacina contra o ebola. Testada na Guiné, protegeu 100% dos vacinados expostos ao vírus, informou a OMS. A boa notícia veio após o maior surto desde a descoberta do vírus, com mais de 11 mil mortos. Também houve avanço nas pesquisas da vacina contra a malária, embora a disseminação de outras formas de prevenção ainda seja a principal arma contra a doença, que mata mais do que o terrorismo e guerras somadas.

O fim da poliomielite na África. Em agosto, o continente completou 12 meses sem novos casos da doença. Isso foi possível graças a milhares de voluntários que participaram dos esforços da OMS, Unicef e Fundação Bill e

Melinda Gates para imunizar todas as

Quando há vontade política, consegue-se o improvável e até o que julgávamos impossível

crianças na Nigéria – desafio e tanto em um país de tribos nômades, conflitos regionais e radicalismo religioso. Se novos casos não surgirem até julho de 2017, a África será declarada livre da doença. O vírus que já circulou por 125 países resiste no Afeganistão e no Paquistão.

Dois acordos históricos. O restabelecimento das relações diplomáticas entre EUA e Cuba e o acordo nuclear com o Irã, embora frágil, mostraram que é possível

avançar politicamente, sem a derrubada imediata dos regimes autoritários com guerras que acabam por produzir cenários piores do que antes.

A vitória da democracia. Eleições históricas em Mianmar, em novembro, garantiram maioria parlamentar à Liga Nacional pela Democracia, da líder da oposição Aung San Suu Kyi. Embora os militares mantenham privilégios políticos, parecem dispostos a compartilhar o poder pela primeira vez desde 1960. Houve outros avanços, como a troca democrática de governos em Burkina Faso, Nigéria e Tanzânia.

O avanço dos direitos civis. Nos EUA, o casamento gay passou a ser reconhecido legalmente em todo o território nacional. O

mesmo na Irlanda. Moçambique que desri-
minalizou as relações entre pessoas do
mesmo sexo. Na China, a política de um filho
foi abolida.

Um Nobel da Paz para a Primavera Árabe.
A vitória do quarteto tunisiano foi um alento
para milhões que foram às ruas por liberdade
e uma prova de que um caminho mais

democrático e pacífico é possível no mundo
árabe, apesar dos maus exemplos de Egito,
Líbia, Síria e Iêmen.

Foram conquistas históricas, não antecipa-
das há um ano. Mostram sobretudo que,
quando há vontade política, consegue-se o
imprevisto e até o que julgávamos impossi-
vel (no Brasil, a operação Lava Jato não me

deixa mentir). Vontade política nasce da
pressão pública. Por quase dois séculos,
prevaleceu a ideia malthusiana de que a
pobreza era inevitável. Em 2000, quando a
ONU convocou os estados membros a
reduzi-la, 43% da população ainda viviam
nessa condição. Em uma década, caiu para
21% e agora metade disso. A transforma-

ção que possibilitou o avanço foi a consciência
coletiva de que a pobreza não é natural, mas
uma distorção.

Reconhecer o inaceitável – na desigualda-
de, no terrorismo, nas guerras, na xenofobia
– seria um bom começo para 2016. Que seja
um ano melhor a todos.

P A R A V E R O B R A S I L

Edmilson Felipe (dimi2005@uol.com.br), Self no cadafalso, 2015, Editora Patuá – www.editorapatua.com.br

Óbvio que os televisores / e seus pretensos
delírios / amortecem os espectadores /
invariavelmente acordados / com seus
beijos novelísticos falsos / suas notícias de
esgoto pré-fabricadas / mazelas futebolísti-
cas / propagandas enviesadas de felicidade
high-tech / pastores filho da puta / curando
câncer – aids – e o caralho a quatro com
débito no cartão. / Enlatados importados
sem graça / dancinhas epiléticas / políticos
corruptos vendendo a aureóla de alumínio...
/ Fora o escrutínio processo de burocratização
/ homens infláveis lutando no UFC / e a
horda de mocorongos / lambendo a tela de
LCD / e bebendo cerveja choca / num
domingo afásico / só pra não cortar os
pulsos com a faquinha de rocambole.

Eu vi os poetas poentes com seus repentes
/ nas ruas de Olinda – falidos e cegos / à
espera da morte encefálica, / o dinheiro
escondido nas tetas / das putas em canoa
quebrada / alucinadas de cocaína, rejeitan-

do filhos bastardos, / os playboys da ush
chafurdando na vibe do crack, / galera
conectada / truncando a matrícula da vida,
/ balizando olhares caleidoscópicos / na luz
colorida de um túnel secreto, / escopetas e
fuzis no morro do vidigal / cumprindo a
promessa de espalhar controle / pela
comunidade, sob o sol do piscinão de
ramos, / os despachantes da flip com seus
carões importados / e suas enquetes de
segundo turno / indo por água abaixo /
ruínas do cassino em canela, / onde punks
atormentados declamam versos dodecafôni-
cos / e bebem rum barato no gargalo, /
travestis ensaiando o axé para o carnaval /
do bloco dos esquecidos, / o cheiro do
abará de cira / nas tardes de itapuã /
antropólogos fumando haxixe / – queiman-
do a chuleta na casa escaudante / do bairro
de goiabeiras, / o queijo coalho derretendo
nas bocas das belas mineiras, / cansadas do
casamento, dando o cu no instagram / o

santo daime delivery na lábia de lábrea /
afundando os navios piratas / nas águas
calmas do rio purus / as balas de borracha
na cara / dos professores que, feito mario-
netes, / sangram na ópera de arame do
governo local, / a gauchada na rua dos
farrapos, / assistindo um gre-nal / – sem
gardenal – tombando a nordeste, / os
manezinhos da ilha, preparando a xepa do
dia seguinte, / rezando pra não chover, / as
dunas da praia de regência: duna maria &
duna antônia... / saudades do meu calango
– quem é da família beb' s sabe o que eu
sei... / ilha do mel – são tomé – visconde, /
o bonde das algazaras nos finais / de ano
da juventude sem lei... / o mercado de
carnes em aracaju, / onde os vendedores
dão pitaco na rota das moscas, / almejando
sair de cena e nunca mais voltar, / bisões
dançando forró nas pinturas rupestres / de
são raimundo nonato –, / eita cachaça da
gota serena!!! / saudade do céu– do sal –

do sol em maceió – mar vermelho / – olhos
d' água, sem esquecer do ASA de arapiraca,
/ a moqueca de peixe em *La cave Du conde*,
/ onde judas deixou as botas / para são
gabriel da cachoeira calçar... / novas jazidas
de urânio em rondônia, / o horror nuclear
em cada contrato assinado, / – reduzindo o
ambiente a ruínas e pó, / o sol varrendo a
memória de palafita / na ilha de marajó, / a
lata de coca-cola vazia nas falésias de
macapá, / uma rocha pixada: **eu te amo** –
em plena praia dos artistas – / turistas
fazendo pose no jalapão, / fogazza no fogão
de lenha / diarreia e caldinho de sururu na
orla de João pessoa, / eu vi a presença
maciça / da praga sapiental, / bem ou mal,
/ eu vi um país, / chapado... / em plena
chapada dos veadeiros / ... / madame
sussekind quem disse: o Brasil não é longe
daqui / [para ver o Brasil, / é preciso sair
sem eira nem beira / & jogar a chave / da
casa / na brasa do caos]

Masaoka Shiki (1867-1902) batizou o hoku, primeiro terceto do haikai, de haiku!

Como sabemos, esse primeiro terceto do
haikai, dava início a duetos e tercetos
secuenciais que iam de 36 a mil estrofes!

Tal hoku, era aberto, – não era fechado
como a trova; narrava o que acontecia na
hora, marcando a estação do ano que o
autor compunha, como fotografia ou filme
feito no momento. Fotografia ou filme preto
e branco; logo, não existia nenhuma adição
dispensável para reconhecer tal foto ou
filme e, muito menos, o ego do autor no
trabalho. Por exemplo, se narrasse sobre
rosa, sua cor era deixada para o leitor fazê-
la, ou não, na sua leitura, através de sua
própria experiência. Enfim, deixava-se para
o leitor, a complementação do hoku.

Tal hoku, hoje haicu, primeira estrofe do
haikai, em três versos, continua com esses

mesmos princípios! e é hoje, pois, um ter-
ceto isolado, independente. Aliás, assim
também já o faziam com essa mesma
estrofe (hoku), os grandes poetas japoneses
de haikai.

Na Casa da Palavra Mário de Andrade,
Eunice Arruda, que nos deu oficina de
poesia, tem um exemplo de haicu, com a
palavra da estação (quigo) trovão, marcando
assim a ocorrência na estação verão
(VFA fato atmosférico). Sua construção
perfeita, porque sucinta, e com o devido
corte:

Súbito trovão.
Pombas trocam
de telhado.

Dou, em seguida, exemplos meus,

explicando defeitos que tornam um suposto
haicu, numa das estrofes sucessivas que
conteriam um haikai de 36 ou mais estrofes,
ou um terceto a que chamo de trevo à
moda ocidental:

Preto cinza e azul
meu horizonte de março
despertando o dia.

Texto fechado e, não, aberto, explicativo, não
descritivo; com excesso de detalhes que
não permitem ao leitor completar o conteú-
do à maneira dele, de sua experiência ou
surpresa. Não há corte. É mera declaração
do autor e não uma descrição ou narração
de sua foto ou filme. Vejamos outro:

As folhas ao vento
no cimento da calçada,

falam do passado.

Dois versos prometendo um haicu onde
faltou p.e.: *Um gari na rua*, ou algo que não
desse ideia de folhas falando, ou arte do
autor. O texto daria uma provável ocorrên-
cia no outono, com um corte; não seria
opinativo e não estaria fechado, mas aberto
para o leitor. Um outro exemplo:

Nem flores nem folhas
no meu caminho, porém,
sinto a primavera!

Para deixar o ego de lado: As folhas e as
flores / ausentes pelo caminho, / mas é
primavera. Ou, ainda, sucintamente:
Primavera! / ainda ausentes / folhas e
flores.

Manolo

A hora do lobo

Dezesseis anos recém cumpridos. Primei-
ra vez no cinema sozinha. Estava vazio.
Sentou-se atrás, meio da tela. Dez minutos
depois percebeu alguém ao seu lado pelo
cheiro de bala de café que exalava. Empol-
gada com a escolha, envolvia-se cada vez
mais na trama. Demorou a perceber a mão
que subia pelo seu joelho. Em pânico,
torceu com força os dedos do sedutor.
Mudou de lugar e viu de canto de olho o
vulto que saía. Um imbecil não a faria
perder o final do filme.

Mesmo se nada der certo

Primeiro encontro. Elegante, passou o
almoço calculando falas e gestos. Desavisa-
da, caiu na armadilha da saladá. Durante a
luta para dominar molho e folhas, viu a
própria blusa respingada de aceto balsâmico.
Disfarçou, inclinando o corpo para a
frente. Atenta, riu cúmplice de uma anedota
até perceber o agrão preso em seu apare-
lho.

Ele não ligou no dia seguinte. Desde
então, ela pede apenas café nos primeiros
encontros.

O diabo veste Prada

Seu coração disparou quando a viu.
Naquele horário, naquela avenida, em meio
a tantas pessoas foi difícil segui-la por longo
tempo. Quase se desesperou ao respeitar o
semáforo, enquanto ela seguia em frente.

Conseguiu recuperar a distância.
Andou alguns minutos atrás dela, sabore-
ando demoradamente a estampa do seu
vestido: grãos maduros de café emoldura-
dos por pequenas flores brancas.

Por fim tomou coragem e se aproximou,

mal escondendo a euforia. Pegou a moça
pelo braço... disparou:

– Menina, onde foi que você comprou este
vestido?! Preciso muuuuito de um igual!

O escafandro e a borboleta

Ainda lutava. Secretamente, porque ao
redor ninguém mais acreditava. Por oito
anos em coma ouviu passos espaçarem,
choros se tornarem raros.

Naquele torpor, ela entrava. Pontualmen-
te. Apoiava a caneca de café coado na
mesinha ao lado de sua cabeça e ia beberi-
cando, enquanto procedia à minuciosa
limpeza do corpo inerte.

E por isso ele ainda lutava. Secretamente.

O sal da terra

Arco-íris em plena segunda-feita. Mal
podia esperar. Namoravam há um ano, tudo
combinado, a primeira comemoração, eles
se encontrariam ao final do dia, no mesmo
cinema em que se conheceram. Divertida,
linda, perfumada desceu a escadaria do
prédio... Não, mensagem nova: espero você
no café em frente ao seu trabalho.

Correu até ele. Chegou por trás, já
beijando de leve sua nuca, o pescoço.
Abraço apertadinho, feliz, feliz... te amo
tanto!, deslizou o presente à sua frente. Ele
nem a olhou, desculpe, recusou o pacote.
Ela ainda ensaiava um sorriso, quando o
golpe veio fatal... então ele levantou e saiu
da sua vida.

Ela tomou um café. Salgado e frio.

Parenti serpenti

Recém-casada, primeira vez que os
recebia. Conferiu três vezes a quantidade
de água e o tanto exato de pó no coador.

Apegados às tradições mineiras, gostavam
de *cháfé* passado na água doce. Ela, paulista,
lidava melhor com café em cápsula.

Serviu com bolo de queijo, presente das
visitas. Não se deu conta de que a sogra,
solicitada, completou de sal o açucareiro.

Da vida das marionetes

Sala de interrogatório... tapete vermelho.
Crucifixo de barro. Da curul, o juiz pede que
tirem as algemas, que se sente e ainda
oferece café ao réu, sob os olhares atônitos
do público e da vítima.

Gente sendo tratada como gente. Fato
extraordinário

Momento num café

Confere o cardápio: crepe de chocolate...
checa a carteira: café curto. Cede. Come,
calculando a conta. Caro! Caminha com
culpa. Consola-se no cigarro, calmamente,
consumido em cinzas.

Homo fugit velut umbra

Sem energia elétrica, perdeu a hora. Sem
cafeteira, nem computador, celular descar-
regado, à beira do colapso, sem ter por
onde começar fez o que nunca lembrava:
abriu a janela. Quando a luz natural invadiu
o quarto, não encontrou a si mesma no
espelho. Marquinhas na testa, boca vincada,
fios de cabelo brancos iluminavam os olhos
castanhos de sempre.

Quando a luz voltou, sua pressa tinha
acabado.

Kiva han coffee

A linda Etiópe do café; os primeiros
povos a cultivar café, a cultura do café, o

cultivo de café no Brasil; a economia cafeeiri-
ra; a exportação do café; os barões do café;
a política do café com leite; a crise do
café... cansado de ser professor de História,
mudou seu rumo, virou barista.

A hora do pesadelo

Ainda hoje a lembrança a apavora. A
sádica figura tinha mãos enormes e se
debruçava sobre suas obturações depois de
tomar café e fumar um cigarro.

Música callada

A sala de aula os acolheu pela última vez.
Era mestre, ela, aluna. Atravessaram a rua,
não tinha volta; tocaram mais alto e a
plateia toda os ouviu; proibidos, misturaram
teclas brancas negras dedos e desejos:
música impressa sobre o teclado.

Despediram-se com um aperto de mãos,
quem sabe um dia... um encontro... um
café.

Como água para chocolate

Os sinais vieram e ela nasceu ali mesmo
na cozinha, entre bolinhos de chuva e
vapores da cafeteira elétrica. Muda, apre-
endeu na culinária o seu vocabulário.

No dia em que ele entrou em sua vida,
sentiu a contração das veias, artérias... a
agitação, a ansiedade, a aceleração dos
batimentos cardíacos.

Serviu-lhe queijo cremoso com café e
frutas secas, assado com molho de café,
panna cotta de café com leite e coco, *shot*
de *cointreau* e café solúvel... Com aroma de
café coado e casquinha de limão no ar, ele a
pediu em casamento.